

Espaço, lugar e territorialidade: análises sobre apego emocional ao lugar com o filme *Aquarius* (2016)

Space, place, territoriality: analysis on emotional attachment to place with the film
Aquarius (2016)

Maria das Graças Alencar Viana¹

Liz Melo de Sá Barreto²

Diego Carvalho Corrêa³

Artigo recebido em: 31/03/2020.

Artigo aceito em: 26/05/2020.

RESUMO

Tendo como objeto o longa-metragem *Aquarius* (2016), esta pesquisa explora o conceito de espaço, lugar, apego ao lugar, territorialidade por meio da luta da protagonista Clara, frente aos avanços da especulação imobiliária que atingiu a cidade de Recife-PE. A análise do filme mostra que o edifício *Aquarius*, como um "lugar", foi uma consequência das relações do espaço e de suas percepções sobre ele. O apego da protagonista ao edifício foi a base para a materialização da territorialidade como sentimento de pertencimento e a razão pela qual ela resistiu às persistentes ofensivas da Construtora Bonfim.

PALAVRAS-CHAVE: *Aquarius*; Lugar; Territorialidade; Especulação imobiliária

ABSTRACT

Having as the object the film *Aquarius* (2016), this research explores the concept of space, place, attachment to place, territoriality by of means the struggle of the protagonist Clara, in the face of the advances of real estate speculation that reached the city of Recife-PE. The movie analysis shows that the *Aquarius* Building, as a "place", was a consequence from the relations of space and her perceptions of it. The protagonist's attachment to the building was the foundation for materializing territoriality as a sentiment of belonging and the reason why she resisted to Bonfim Construction's Company persistent offensives.

KEYWORDS: *Aquarius*; Place; Territoriality, Real state speculation.

¹ Bacharela em Saúde pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e graduanda em Arquitetura e Urbanismo pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia. Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/0639200733947047>> E-mail: gal.alenvi@gmail.com.

² Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia. Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/1548204806676861>> E-mail: netosabarreto18@gmail.com

³ Possui graduação em Licenciatura em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana e mestrado em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Atualmente é professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia. Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/5512385553165563>> E-mail: dccfsa@gmail.com. Membro do Grupo de Pesquisa Estudos Aplicados em Arquitetura e Urbanismo (EAAU/IFBA).

Introdução

Na produção cinematográfica brasileira dos últimos anos, o longa-metragem *Aquarius* (2016), filme de Kléber Mendonça Filho, despertou bastante interesse por parte da crítica especializada, tanto pelo seu enredo singular e sua composição narrativa, bem como pela polêmica decorrente do protesto contra o processo de impeachment de Dilma Rousseff, protagonizado pelo diretor e atores⁴. Ao examinar a película, consideramos que o espaço urbano, principalmente de Recife-PE, e a sua transformação através do tempo, assim como a vida em sociedade, são seus principais temas de interesse narrativo. Nessa perspectiva, o filme foi escolhido como instrumento a fim de compor e ilustrar o debate dos conceitos de espaço, lugar, apego e territorialidade. Dessa maneira buscamos no filme correlacionar sua narrativa com estes conceitos, sendo a película uma motivadora desta análise.

Aquarius apresenta a história de Clara, interpretada por Sônia Braga. Uma jornalista aposentada e crítica de música, viúva há mais de 15 anos, mãe de três filhos já adultos e bem-sucedidos e que dispõe de confortável condição financeira. Residente há mais de trinta anos em um dos pontos mais valorizados da orla de Recife, o Bairro Boa Viagem. Única moradora do Edifício Aquarius, dona de um apartamento que a Construtora Bonfim cobiçava e insistia em adquirir com o objetivo de demolir e construir um condomínio de luxo.

A trama (intriga) se desenrola dualizando a resistência de Clara e as pressões da Construtora, apresentando temas relevantes para as ciências humanas e sociais, tais como memória, lugar, apego e territorialidade, dentre outros, em um cenário de verticalização das construções provocadas pela especulação imobiliária.

⁴ **Equipe de 'Aquarius' protesta em Cannes contra impeachment de Dilma.** Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/2016/05/equipe-de-aquarius-protesta-em-cannes-contra-impeachment-de-dilma.html>. Acesso em: 28 de mar. 2020.

Consideramos o filme uma boa premissa para dissertar e restituir o cinema ao seu conjunto social e temporal, contextualizar. Através dos conceitos selecionados, podemos proceder a uma análise sociológica (sincrônica) no tempo, ou histórica (diacrônica) através do tempo. As duas perspectivas irão se cruzar e entrelaçar constantemente, porém a ênfase entre uma e outra definirá o campo que uma análise se constitui. Aqui optamos pela ênfase a primeira, porém sem grande rebuscamento no exame do filme, mas muito mais num divagar que realça o pertencimento deste ao tempo, seja sincrônico e diacrônico e como estes conceitos também se operam em várias modalidades de experiências humanas e se expressam em seus produtos como o próprio filme.

O tempo apresenta relevância e prepondera para os conceitos delimitados aqui. Estes versam sobre o tempo e sua experimentação, logo, um tanto livres de uma sistematização metodológica e teórica mais profunda, prosseguimos na análise por uma inspiração ensaística simples e breve sobre estes elementos no filme, uma vez que uma análise histórica destes implicaria em reunir e operar uma análise densa de outras fontes, vestígios, rastros e reminiscências para compor o artigo.

Aqui temos uma análise de espectador e espectadoras da película que produz um sentido para ela com finalidade de aprofundar interesses para formação acadêmica. Neste sentido, no artigo estamos nos apropriando do filme para operar conceitos sem intenções de uma análise densa sobre filmes ou cinema em si. A rigor o que fizemos foi uma análise do filme através dos conceitos e uma análise dos conceitos através do filme como um exercício.

No que concerne a cinema e filmes, há uma vasta bibliografia e revistas especializadas que tem nas últimas décadas amparando e ampliando densamente o debate para aqueles e aquelas que se interessam pelo tema e que desenvolvem pesquisa tendo estes como objetos. Também nos afastaremos neste artigo de um aprofundamento ou revisão e apenas indicaremos aos leitores e leitoras, duas

referências bibliográficas especializadas que nos inspiraram e repercutiram na escrita.

Apontamos primeiro um livro que apresenta compreensão da história do cinema e seu desenvolvimento ao longo do tempo onde de forma pormenorizada se examina o avanço tecnológico que permitiu mudanças das produções, circulação e consumo do conjunto do cinema e filme, até a compreensão do desenrolar da formação da linguagem do cinema e apropriações sociais de películas, *História do cinema mundial* (MASCARELLOS, 2006).

Importante e mais inspiradora para este texto é o livro *Cinematógrafo: um olhar sobre a história* (NOVÓA; FRESSATO; FEIGELSON, 2016). Além dos organizadores que já são pesquisadores consolidados no ambiente acadêmico, temos na coletânea muitos outros e outras conhecidos e conhecidas na academia, prefaciado por um dos primeiros historiadores de grande repercussão no campo da História ao analisar cinema, o Marc Ferro. A obra trata desde a estrutura do filme, narrativa, planos, sequência etc., ao que nos interessa e nos influencia mais, a análise deste a partir do olhar e perspectiva do pesquisador e pesquisadora em ciências humanas sobre narrativas temáticas no cinema.

Neste artigo, realizamos um exame referenciado em artigos e livros sobre os conceitos propostos estabelecendo relação, comparação e interpretação do filme a partir destes. Enfatizamos algumas sequências da película que realçam aspectos mais proeminentes da narrativa e que se relacionam com nossa proposta, assim “o caminho metodológico mais adequado a seguir será a imersão no próprio filme, extrair dele, de maneira mais densa possível, os sentidos que podem ser captados para uma construção do conhecimento em História” (BORGES, 2016, p. 96), buscamos essa imersão para o exercício de compreensão definido, sem a pretensão do fazer História como citado, mas compreender o filme como obra da história.

O artigo foi dividido em duas partes. A primeira: “Todo lugar desperta um sentimento e todo sentimento desperta um lugar”, analisamos os conceitos de

espaço, lugar, apego ao lugar e territorialidade através do filme. Na segunda: “Resistência de Clara – ‘A especulação imobiliária versus memória’”, abordamos a modernização dos espaços e a verticalização urbana e seus impactos através da narrativa do filme.

O lugar desperta um sentimento e o sentimento desperta um lugar

Como seres situados no mundo, precisamos de espaços e lugares para experienciar nossa existência. Em nosso cotidiano, entretanto, espaço e lugar muitas vezes são confundidos como sinônimos uma vez que não podem ser compreendidos um sem o outro (TUAN, 1983). Segundo Speller (2005), o termo espaço está relacionado ao aspecto físico do ambiente, enquanto lugar se refere aos sentidos atribuídos ao espaço físico. Em outras palavras, a relação de uma pessoa com um espaço, a vivência e os sentimentos conjugados a ele, é o que permite a sua definição como lugar. Essa significação depende da produção do sentido em relação ao tipo de vínculo gerado pelos sujeitos e o ambiente. Compreende-se, assim, que se trata de um processo de interação que envolve percepção, vivência, sentido, apego e envolvimento emocional.

A partir da perspectiva de espaço e lugar, no filme, o Edifício Aquarius e seu entorno, se tornaram lugares na medida em que Clara constituiu um envolvimento emocional com o espaço, sendo fundamental para o fazer-se de sua identidade, o que a fixou lá, predominando na relação entre e ela e o espaço, o valor de uso atribuído na contraposição ao valor de troca possível apresentado na intriga. Na contramão de Clara, para a Construtora Bonfim, o edifício e o apartamento eram redutíveis a espaços físicos que obstruíam os seus objetivos exclusivamente econômicos. A filha de Clara, Ana Paula, entendeu o imóvel com predomínio do valor de troca semelhante à construtora, apenas como mercadoria, exemplificado na cena em que busca convencer a sua mãe a vendê-lo.

A distinção entre representações e práticas do espaço/lugar resulta de interações peculiares com estes, implicando em apegos ou desapegos e distanciamentos. Dessa forma, tais relacionamentos são importantes para a construção de identidades, o fazer destas, já que os lugares compõem a sua memória, reúnem suas vivências e lhes apresentam possibilidades. Portanto, cada pessoa ou grupo, relaciona-se com os lugares distintamente já que os processos de apropriação são demasiados complexos e singulares (GONÇALVES, 2014).

Pazzini e Jerônimo (2009) afirmam que os lugares despontam a emoção e a afetividade na vida das pessoas, traduzindo as suas subjetividades. O “lugar e subjetividade se entrelaçam pelas vivências, pelo simbolismo, pela dimensão identitária que faz parte tanto da singularidade de cada sujeito, quanto da manifestação das aprendizagens sociais que se voltam ao coletivo” (JERONIMO & SOUZA, 2015, p.82).

Corroboramos com Moser (2001) quando assinala que a subjetividade está relacionada aos espaços cotidianos, pois estes são balizadores de processos de significação e de identificação das pessoas. Um simulacro disso pode ser interpretado na cena em que os filhos se reúnem no apartamento de Clara e Ana Paula demonstra seu ressentimento quanto à ausência da maternidade em sua infância, insinuando que o patrimônio da família foi construído pelo pai sem o auxílio de sua mãe. Clara fica consternada e canta versos de “Nervos de Aço”⁵ como demonstração de seus sentimentos. Nesta mesma sequência, ela explana que a sua decisão em permanecer no apartamento transcende a questão monetária. Para ela, o apartamento representa um pedaço de si, de sua personalidade. Ele abriga seu corpo, sua história e sua identidade, enquanto Ana Paula, dado o seu rancor com a sua mãe, não produziu a mesma relação com este.

⁵ Nervos de aço, de Lupicínio Rodrigues. Clara entoia os versos “Há pessoas de nervos de aço/ sem sangue nas veias e sem coração/ Mas não sei se passando o que eu passo/ Talvez não lhes venha qualquer reação” se referindo a sua filha, Ana Paula.

Nesse conjunto, podemos considerar que um dos elementos basilares do apego de Clara, apoiamo-nos em Anton e Lawrence (2014), é a identidade de lugar. Segundo os autores, a identidade de lugar pode ser definida como uma subestrutura da identidade pessoal que consiste em memórias, lembranças, ideias, sentimentos, atitudes, valores, preferências, significados e concepções de comportamento e experiência que ocorrem em lugares que satisfazem as necessidades básicas, psicológicas, sociais e culturais de uma pessoa. Em outras palavras, a identidade de lugar se refere à maneira como os lugares fazem parte da própria identidade da pessoa (CHOW; HEALEY, 2008). Na película é possível observar que essa identidade de lugar de Clara é subsídio de sua luta contra a Construtora e tudo o que ela significa pra si. O seu apartamento, o Edifício Aquarius, compõe a sua identidade: é o lugar de memórias, lugar onde ela vivencia as suas experiências, seus conflitos, onde ela exerce a sua maternidade, onde pode ser a avó carinhosa, onde ela viveu a sua carreira como jornalista, espaço onde ela conhece e se reconhece diariamente.

Outro componente do apego ao lugar é a dependência. Esta surge de uma avaliação positiva do lugar, com base no atendimento às necessidades de um indivíduo e permite que ele atinja seus objetivos (SHUMAKER & TAYLOR, 1983). A dependência do lugar tende a preceder a identidade de lugar (VASKE & KOBRIN, 2001), um lugar atende às necessidades de cada pessoa, para que se torne dependente e opte por permanecer ali. Quanto mais tempo uma pessoa permanece em um lugar, maior a possibilidade de o lugar incorporar-se à estrutura de identidade. Clara se mostra dependente de seu apartamento já que esse cumpre todas as suas necessidades, incluindo a de resguardar memórias, revelando a sua história. E assim, mesmo que a Construtora Bonfim utilize de diversos meios para fazê-la vender o seu apartamento, ela se mantém em resistência para permanecer em seu lar.

Podemos dizer que o lugar é expressão das relações estabelecidas com o espaço físico, as ações e as percepções que nele se dão, e o apego ao lugar é a

afetividade positiva atribuída, mediante as experiências e interações com o espaço. Em outras palavras, apego ao lugar pode ser entendido como o vínculo emocional entre pessoas e ambientes, como o que ocorre entre a protagonista e o seu apartamento, como no início do filme quando Clara – já idosa – olha a orla pela sua janela e depois segue para praia, o oceano, assim como o edifício, preenche a história da personagem onde sua família, suas amigas, seus vizinhos de bairro pertencem a esse habitar e viver. Temos enquadramentos nessas sequências que nos induzem um olhar, assim,

O enquadramento pressupõe uma escolha do cineasta para o que e como a imagem será exposta, o movimento, tanto da câmera, quanto do ela vê, pode e vai interferir no enquadramento, no limite os movimentos da imagem irão propor novos enquadramentos. Enquadramentos diferentes de objetos iguais podem emanar significados bastantes distintos, ele estimula sensações na medida em que define a perspectiva que a imagem será olhada. (BORGES, 2016, p. 98)

Muitos pesquisadores tratam o apego ao lugar como uma construção multidimensional complexa, embora ainda não exista um consenso sobre exatamente quais são essas dimensões em sua totalidade. O modelo proposto por Giuliani (2004) delinea o apego ao lugar com três dimensões: a funcional, a simbólica e a temporal. A funcional se refere ao espaço físico enquanto elemento que satisfaz as necessidades desejadas, fornecendo recursos e condições que deem suporte para isso. O Edifício Aquarius é o lugar que satisfaz as necessidades mais importantes para protagonista, como moradia, conforto, aconchego, estabilidade, lazer, descanso, dentre outras. O entorno também contenta algumas necessidades, como de lazer, entretenimento, relaxamento e outros.

A dimensão simbólica reúne significados atribuídos pelas pessoas aos lugares (GIULIANI, 2004). Trata-se do vínculo articulado pelo repertório de emoções e relacionamentos vividos que dão significado e propósito para a vida das pessoas. No filme, o apartamento, que originalmente era pertencente a sua tia Lúcia, foi palco de muitas memórias enquadradas no espaço.

O trabalho de enquadramento da memória se alimenta do material fornecido pela história. Esse material pode sem dúvida ser interpretado e

combinado a um sem-número de referências associadas; guiado pela preocupação não apenas de manter as fronteiras sociais, mas também de modificá-las, esse trabalho reinterpreta incessantemente o passado em função dos combates do presente e do futuro. (POLLAK, 1989, p. 08)

O cotidiano do casamento e luta contra o câncer de mama, infância de filhos, festas familiares, carreira, amizades, viuvez, romances e conflitos. A história de Clara se confunde com a do apartamento e do bairro no qual mora há mais de três décadas.

Uma pessoa não se vincularia ao local em si, mas ao significado dado a relação com o lugar. É por isso que na sequência entre Clara, Diego e Seu Geraldo, o primeiro tenta contar-lhe do projeto do novo arranha-céu que colocaria o mesmo nome do prédio que existia ali como uma forma de preservar a memória da edificação, Clara reage, uma vez que o edifício existe, sendo ela a única moradora. Apropriando-se concretamente e subjetivamente do Edifício, Clara o territorializa. Às formas de poder simbólico, de apropriação onde os sujeitos significam um dado espaço/lugar, constroem sua identidade com ele, produzindo-o e mantendo-o (TOLEDO, 2016). Há uma projeção de nossa identidade sobre o território, um sentimento profundo de pertencimento e de apropriação denominada de territorialidade (SILVA, 2014). O conceito refere-se às relações entre um indivíduo ou grupo social e seu meio de referência, expressando um sentimento de pertencimento e um modo de agir.

A territorialidade é comumente materializada nas atitudes de proteção que se relacionam à ocupação, personalização, marcação e defesa do território (STEA, 1978). Em *Aquarius*, é possível observar esses quatro mecanismos ligados à territorialidade. Por exemplo, Clara era a única moradora do edifício e pretendia adquirir outro apartamento ampliando a ocupação, sendo que a Construtora comprou os demais, os utilizando para festas e cultos como meio de provocação à Clara.

Exemplo de relação territorial e demarcação de território, as sequências que envolvem a adesivação de todos os apartamentos pela construtora Bonfim e pintura

da fachada realizada por Clara à revelia da construtora apontam estratégias e táticas no conflito. Nas sequências que se referem à pintura, Clara contrata uma pessoa para pintar a fachada do edifício, mesmo sendo moradora e proprietária de apenas um dos apartamentos. Isso pode ser considerado como uma demarcação, pois é uma maneira dela evidenciar que aquele espaço/lugar é o seu território. Essa demarcação é afirmada no diálogo de Clara com filha quando recebe a notificação de proibição de pintura da fachada que ao ler diz como a si mesma: “- Ela não percebeu que eu pintei a fachada” (Grifo nosso). O diálogo demonstra o incômodo de Clara tanto pela proibição da Construtora (competição de território), como também com sua filha que não percebeu.

A mesma sequência ratifica a personalização já que Clara ao pintar a fachada da cor de sua preferência impõe a sua personalidade ao espaço físico. Outra sequência exemplar se dá quando vendo o apartamento da porta, Diego elogia a decoração e nota como Clara mudou a planta original do apartamento. Trata-se de uma personalização, recepção, apropriação e ressignificação, customização, transformar a partir de sua individualidade. O longa-metragem se encerra com um simulacro metafórico, alegoria em que Clara descobre que há várias casas de cupins em um dos apartamentos vazios e o contra-ataque se desenvolve na sequência final em que arremessa contra uma mesa do escritório da Construtora a casa de cupins, as construções e casas estão em disputas e foram lançadas ao devir do conflito.

Resistência de Clara - “A especulação imobiliária versus memória”

O ímpeto de luta pelo seu território, lembrança e memória, contra o esquecimento, nos é apresentado ainda no ato “Cabelo de Clara”⁶ e vai se aprofundando no decorrer da trama. Mais do que simplesmente criar opostos, Clara versus construtora, o longa narra o valor da memória através da compreensão do

⁶ O filme *Aquarius* foi organizado em 3 atos: O cabelo de Clara, O amor de Clara, e O câncer de Clara

que é antigo, anterior, sem que seja necessário descartar o novo numa perspectiva dualista. Clara afirmou para seus filhos: “– Quando você gosta é vintage, quando você não gosta é velho”. A anterior problematização é importante para a compreensão da relevância da preservação do patrimônio histórico material e imaterial, uma vez que se considera o seu valor representativo nas culturas, modos de vida e dentre outras características as peculiaridades no tempo de grupos sociais, nações, comunidades, arranjos familiares etc.

O Edifício Oceania, prédio utilizado nas gravações e que inspirou o filme, foi construído nos anos 1950 e conta com pátio interno, produzindo uma sensação de casa-quintal, com um térreo recuado que permite jardins típicos de casas, com o uso de cobertura em telha de cerâmica. Trata-se de uma configuração atualmente atípica em Recife, mormente na área nobre. Nessa perspectiva, podemos compreendê-lo como um monumento (LE GOFF, 1990); um testemunho histórico não escrito, uma herança material que remete uma memória coletiva, um edifício que atravessou tempos e culturas estéticas e de construção que em sua própria legibilidade apresenta este legado do passado.

Essa relação de continuidade, de perpetuação da recordação, é constantemente ignorada pelos grupos dirigentes das transformações no espaço urbano, como a Construtora Bonfim. Para estes, uma representação de moderno perpassa pela ruptura e desvinculação do passado, uma consequência que é naturalizada como uma consequência da emergência do novo. Um novo que modifica as paisagens e homogeneiza os espaços e faz com que a arquitetura se perca da criação de ambientes singulares, peculiares e autênticos, desrespeitando ou desvalorizando muitas vezes as singularidades das relações dos sujeitos com os seus lugares.

Segundo Pereira e Scotto (2017, p. 11), “o poder de investimento do capital especulativo, juntamente com uma homogeneização nas formas de se produzir, consumir e pensar o levam à modificação de lugares em espaços sem personalidade

e inautênticos”. Essa homogeneização foi abordada pelo filme principalmente quando o empreendimento que substituiria o Edifício Aquarius, o “Atlantic Plaza Residence”, apresenta-se estereotipado, carregado de novos signos de uma concepção particular de modernidade referenciada pelos EUA, felicidade, conforto, satisfação, pompa e poder, riqueza, um artigo de luxo e status acessível a uma parcela social específica.

Diante desse cenário de um modelo de modernização dos espaços urbanos e de esgarçamento do tecido urbano, nota-se um fenômeno cada vez mais frequente e central no processo de urbanização, a especulação imobiliária. Esta se caracteriza pela realização de investimentos em um espaço no qual se constrói ou executa reformas objetivando valorização do imóvel e espaço urbano, conseqüentemente, obtenção de lucros. Isso foi demonstrado no filme, dentre outros exemplos, pela apropriação e ressignificação de áreas já valorizadas do espaço urbano. Em outras circunstâncias a verticalização é uma alternativa para especulação, como define Macedo (1987, p.9) a construção de “lugares de vidas” em andares, o que possibilitaria abrigar maior número de pessoas do que em habitações horizontais, valorizando áreas com o aumento do potencial de aproveitamento. A verticalização é percebida em várias sequências que mostram os altos prédios sendo construídos ao redor do Edifício Aquarius e que mudam a paisagem na orla recifense.

Utilizando o mesmo recurso de seu outro filme, *O Som ao Redor* (2012), Mendonça iniciou *Aquarius* com uma sequência de fotos em preto e branco, apresentando, de forma alegórica, como essa verticalização ocorreu a partir da demolição e substituição de edificações antigas resultando, muitas vezes, na extinção de referências históricas em detrimento de uma modernização urbana.

Realçamos que a verticalização a partir exclusivamente da especulação afeta; citando algumas situações, a estrutura social, territorialidade, lugar, relações políticas e econômicas além de ambiental das cidades, principalmente com as mudanças na distribuição das classes sociais que são fortemente influenciadas pelas alterações de

valor e de uso do solo urbano. A verticalização oriunda da especulação imobiliária define uma ação seletiva, na qual o capital das grandes incorporadoras imobiliárias, como a Construtora Bonfim, seleciona as localidades agradáveis e com boa infraestrutura, desencadeando um amplo processo de segregação socioespacial (PETRAKIS, 2014). Muitas empresas do ramo imobiliário, como a fictícia Bonfim, obtêm lucro desta prática econômica que é bastante frequente em um país de urbanização crescente como o Brasil. Como consequência disso, é possível observar que vários espaços arquitetônicos e urbanos mostrados em *Aquarius*, decorreu da gentrificação da cidade de Recife.

Segundo Paiva (2019), a gentrificação é um fenômeno transformador de centros urbanos que ocorre a partir da transposição no espaço de um grupo social economicamente inferior para um grupo mais abastado. Esse processo se confunde com a revitalização urbana, já que espaços tidos e ditos abandonados passam a ser vistos com potencial por determinados grupos sociais e econômicos. Esse interesse faz com que haja um aumento do custo de vida no local, pressionando a migração de moradores.

O processo de gentrificação observado no filme alude a persistências de distinções de classe. Duas cenas do filme se destacam. A primeira é a sequência em que Clara vai ao aniversário de Ladjane (sua empregada) com o seu sobrinho Tomás e a namorada Júlia. Durante o percurso, Clara explica sobre a oposição entre as praias de Pina, onde ela mora, e Brasília Teimosa, onde mora Ladjane. “Para cá fica Pina, o lado considerado rico. Para lá, Brasília Teimosa”. O bairro de Brasília Teimosa foi a primeira ocupação urbana da cidade de Recife. Seu povoamento data do final da década de 1950, com ocupação por uma comunidade de pescadores que lutaram pela posse do terreno e por condições dignas de moradia (CAVALCANTI, 2017). A fala de Clara refere-se ao início do bairro e sua arquitetura da necessidade⁷.

⁷ Movimento de adaptação da moradia às circunstâncias da vida, por meio do reaproveitamento de vários materiais.

Destacamos que Brasília Teimosa é um dos atuais alvos da especulação imobiliária sob uma resistência constante de seus moradores.

Ainda no filme, a sequência em que Diego e Clara se desfazem das cordialidades, em que o primeiro aponta que ela estaria em uma classe social inferior à sua devido ao tom de sua pele se destaca: “[...] até porque olhando daqui, percebe-se que com certeza veio de uma família que batalhou muito mesmo para chegar onde chegou, né, Clara? Uma família de pele mais morena, né? Que deu muito suor para ter o que tem. Te respeito”. Representações de cor de pele corroboram para uma interpretação na qual as cidades em sua totalidade, e conseqüentemente o solo urbano, também decorrem e são expressões de dinâmicas históricas étnico-raciais e apontam como estas estão vinculadas a distinções de classe no Recife e de forma geral no Brasil.

Por fim, a especulação imobiliária explorada por Mendonça, transformou a paisagem recifense e apontou elementos e contingências históricas para interpretar os processos que a circundaram. Demolições de edifícios e de “paisagens de uma vida inteira” (BOSI, 1994 apud MELLO, 2013, p. 61), foram realizadas para abrigar grupos sociais abastados. Neste caminho, muito se perdeu, e continua se perdendo, histórias e memórias.

Considerações Finais

Em nosso cotidiano, costumamos nos referir ao cinema como um reflexo da realidade. Entretanto, não se trata de um reflexo genuinamente, mas de uma representação, o que nos permite refletir e interpretar e compreender que, também, muitas vezes influenciam e alteram a realidade externa a sua narrativa numa relação dialética. Nessa perspectiva, o propósito maior deste trabalho foi suscitar reflexões/interpretações a partir do cinema (filme), com ênfase na transformação do espaço e a construção do lugar. Como esse processo envolve o apego e a

territorialidade no nosso objeto, sendo decorrência, também, de impactos da especulação imobiliária.

O Edifício Aquarius foi representado como uma parte fundamental de Clara. Cada espaço dele a remete a um significado afetivo. Foi nele que ela sobreviveu a um câncer, que criou seus filhos, que desenvolveu a sua carreira, que deu suas festas, que amou, que experiencia a doçura de ser avó e onde quer continuar a morar tranquilamente, curtindo a praia a qualquer hora e saindo com as amigas. Nesse sentido, o prédio passa a ser uma extensão de seu próprio ser e parte dele, se manifestando como um lugar simbólico e a levando a lutar para manter o seu território contra a especulação imobiliária que a cerca.

A especulação imobiliária, representada no filme, se fundamenta na obtenção de lucro, modificando espaços urbanos, e em certos casos, desrespeitando o patrimônio histórico arquitetônico e impactando na vida das pessoas que habitam o local. Assim como aconteceu com Clara, para as pessoas afetadas pelo fenômeno da especulação imobiliária, a territorialidade se manifesta na resistência em deixar o seu espaço de morar e abandonar suas referências de memórias.

O longa-metragem procurou, portanto, através da construção afetiva das memórias e do modo de agir de Clara, apresentar a conjunção de diferentes elementos, diferentemente localizados no tempo, no espaço e na história, que compõe a trajetória dela. Nesse percurso, mostrou a formação da identidade de lugar da protagonista, a territorialização desse lugar, e a luta para sua manutenção, abrindo caminho para uma reflexão e aprendizagem acadêmica a partir da literatura especializada sobre os conceitos em concomitância com a narrativa e estética fílmica, nos proporcionando caminhos de aprendizagem e operacionalização do conhecimento não apenas para o cinema, mas para sua relevância social.

Referências

ANTON, C.; LAWRENCE, C. Home Is Where the Heart Is: The Effect of Place of Residence on Place Attachment and Community Participation. **Journal of Environmental Psychology**. v.40, p. 451-461, 2014.

AQUARIUS. Direção: Kleber Mendonça Filho. Roteiro: Kleber Mendonça Filho. Fotografia de Pedro Sotero e Fabricio Tadeu. Recife-PE: Cinemascópio, SBS, VideoFilmes e Globo Filmes, 2016. Cinema.

BORGES, I. N. A História Cinéfila: interações entre linguagem cinematográfica e produção do conhecimento histórico. **Revista Eletrônica Discente História.com**. v.3, n.6, 2016. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/ojs/index.php/historiacom/article/view/261>
Acesso em: 10 mai. 2020.

CAVALCANTI, G. B. **Lutas e resistências dos moradores da periferia da cidade de Recife (1955-1988)**. Orientador: Profa. Dra. Giselda Brito Silva. 2017. 170 f. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura Local) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2017.

CHOW, K., HEALEY, M. Place attachment and place identity: First-year undergraduates making the transition from home to university. **Journal of Environmental Psychology**, v.28, n. 4, p. 362-372, dez. 2008.

GIULIANI, M. V. O lugar do apego nas relações pessoas-ambiente. In: TASSARA, E. T., RABINOVICH, E. P., GUEDES, M.C. **Psicologia e ambiente**. São Paulo: Educ, 2004.

GONÇALVES, T. Habitar: Casa como contingência da condição humana. **Revista INVI**, v.29, n. 80, p.83-108, 2014.

JERONIMO, R. N. T.; SOUZA, R. V. C. Psicologia ambiental: um estudo acerca da resistência frente à mineração em Içara, SC. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 80-86, abr. 2015

LE GOFF, J. **História e memória**. Tradução: Bernardo Leitão *et al.* Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

MACEDO, S. S. **São Paulo, paisagem e habitação verticalizada: os espaços livres como elementos do desenho urbano**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo (FAUUSP), São Paulo - SP, 1987.

MASCARELLO, Fernando(org.). **História do cinema mundial** - Campinas, SP: Papirus, 2006. - (Coleção Campo Imagético)

MELLO, J. B. F. O triunfo do lugar sobre o espaço. In: MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (org). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012.

MOSER, G. Psicologia Ambiental no novo milênio: Integrando a dinâmica cultural e a dimensão temporal. In: TASSARA, E. (Org.). **Panoramas interdisciplinares para uma psicologia ambiental do urbano.** São Paulo: EDUC, 2001.

NOVÓIA, Jorge; FRESSATO, Soleni Biscouto; FEIGELSON, Kristian (organizadores). **Cinematógrafo: um olhar sobre a história** - Salvador: EDUFBA; São Paulo: Ed. Da UNESP, 2009.

O SOM ao redor. Direção e roteiro: Kleber Mendonça Filho. Produção: Emilie Lesclaux. Brasil, 2012. DVD, Recife: Cinemascópio, colorido, 131 min., NTSC, 2013.

PAIVA, C. S. **Análise da distribuição espacial dos bairros de moradia dos estudantes de graduação da UFAM, modos de transporte e impactos sobre a duração das viagens para acesso ao campus.** 2019. 204 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, Manaus, 2019.

PAZZINI, G.; JERÔNIMO, R.N.T. Da expropriação do espaço familiar à busca da apropriação do espaço asilar., **Revista Gaia Scientia**, v. 3, n.2, p.13-22, 2009.

PEREIRA, I. S. D.; SCOTTO, G. Lugar, memória e resistência na representação da cidade: a produção de sentidos no filme Aquarius. In: XVII Encontro nacional da ANPUR, São Paulo. **Anais do XVII ENANPUR**, São Paulo, Anpur, 2017. p. 1-15.

PETRAKIS, G. Atuação do mercado imobiliário e segregação na região metropolitana do Rio de Janeiro: um estudo sobre a verticalização e a especulação imobiliária no Bairro 25 de Agosto, Duque de Caxias. **Acta Geográfica**, Boa Vista - RR, v. 8, n. 18, p. 93-117, set/dez. 2014.

POLLAK, M. Memória, Esquecimento, Silencio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. Disponível em: http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf Acesso em: 24 de mai. 2020.

SHUMAKER, S. A.; TAYLOR, R. B. Toward a Clarification of People-Place Relationships: A Model of Attachment to Place. In: FEIMER, N. R.; GELLER, E.

S. (org.), **Environmental Psychology: Directions and Perspectives**. New York: Praeger, 1983, p. 219-251.

SILVA, C. B. **Corredores do Silêncio: territórios e territorialidades de resistência da cultura surda**. Porto Alegre: UFRGS, 2014. 205 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências, Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

SPELLER, G. M. A importância da vinculação ao lugar. In: SOCZKA, L. (org.), **Contextos humanos e psicologia ambiental**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005, p.133-167.

STEA, D. Espacio, território y movimientos humanos. In: PROSHANSKY, H. M.; ITTELSON, W. H.; RIVLIN, L. G. **Psicologia ambiental: el hombre y su entorno físico**. Cidade do México: Trillas, 1978. p. 66-72.

TOLEDO, J. A. C. Refazendo os percursos do conceito de território para entender os territórios produzidos pela juventude. In: II Colóquio do NuGea, 2016, Juiz de Fora. **Anais do II Colóquio do NuGea**, 2016.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

VASKE, J.; KOBRIN, K. Place Attachment and Environmentally Responsible Behavior. **The Journal of Environmental Education**. v. 32. p. 416-421, 2001.